

## UMA NOTA APENAS... ...EM JEITO DE AGRADECIMENTO

Se a vida é uma bênção, um dom de Deus, maior se torna quando nos é dada a capacidade de ver e sentir com paixão. Por isso, começo por agradecer a Deus a índole com que, a par da vida, me bendisse, permitindo-me rabiscar e partilhar nesta obra sentires de todos quantos, ao lerem, lhes toca.

Agradeço a todos aqueles que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para a materialização deste trabalho. Desde toda esta geração de poetas e escritores da Guiné-Bissau, que muito me inspira e orgulha pela árdua batalha buscando edificar, ainda que paulatinamente, a literatura guineense, assim como a todos aqueles que pertencendo à geração dos mais velhos constituem hoje exemplo e alento para os que estão agora a receber o testemunho e a iniciar uma jornada neste mundo que é a literatura.

Importaria, sem dúvida, destacar variadíssimos nomes, tanto duma como doutra geração, acima referidas. Contudo, e por se tratar de uma pequena nota, pequena pela dificuldade, ou impossibilidade, de agradecer, convenientemente, a todos quanto devia, cingir-me-ei apenas a alguns nomes, não por serem mais importantes que outros, mas por merecerem algum destaque pelo que com eles partilhei nesta minha ainda curta jornada.

E assim, começando pelos mais velhos, agradeço de forma sentida todo o apoio e inspiração de pessoas como Filomena Embalo, Abdulai Sila, Ernesto Dabo, Toni Tcheka, Kafft Kosta, Agnelo Regalla e Nelson Medida, a quem agradeço de forma especial pela amabilidade e disponibilidade para participar nesta obra, não só com o laborioso prefácio, mas também com inúmeros conselhos que me foi dando.

Agradeço, igualmente, agora desta minha Nova Geração, a figuras como André Mendes, Emílio Tavares Lima, minha gémea Rita Lé, Saliatu da Costa, Rui Jorge Semedo, Elson Cabral

D'Almada, Adão Quadé, Michel Té, Flaviano Mindela dos Santos, Maiúca D'Bubaque, Ussumane Grifom Camara, entre outros.

Agradeço ainda ao meu mestre e camarada, Fernando Casimiro (Didinho), por tudo quanto me tem inspirado e ensinado nestes já longos anos de convivência. Agradeço-lhe também a preciosa contribuição que dá a esta obra com a elaboração do posfácio, que muito me fortalece e responsabiliza para que continue a trabalhar, a aprender e a crescer.

Agradeço ao mano Juca Delgado por tudo quanto me tem apoiado e aos meus irmãos do Fórum de Católicos Guineenses em Portugal, que me continuam a ensinar que, dando-nos aos outros, somos mais completos.

Agradeço à minha incansável amiga, Raquel Ataíde, por todo o apoio e revisão desta obra, assim como a todos os meus amigos, actuais e de infância, que muito, e mesmo de longe, me têm apoiado, nomeadamente, Umaro Baldé, meu irmão, Miguel de Barros, comandante de leme, Dautarin da Costa, Cadija Mane, Danso Yala, Elizalda Sanca, Anizandra Sebastião, Lilica King, Samantha Fernandes, Alceine Canté (A.C), Patche Di Rima, Lucídio Gomes, Honica Gomes, Betty Zaida, Helder Monteiro (Punco), Malam Sanó, Issa Tcham, Químico Uancuó Nhaga, Alfa Leandro, Charlotte Alvarenga, Thandie Sila, Ismael Sila, Virgílio Júnior, Antónia Martins, Vasco Menut, Telmo Correia, Carlos Mendonça (Alente), Cupertino Silva, Candy Barcelona, entre outros.

Agradeço, por fim, a toda a minha família o apoio concedido, em especial às minhas mães, Maria de Fátima Semedo e Maria Nhaga Incopté; aos meus irmãos espalhados pelo mundo: Guiné-Bissau, Portugal, Irlanda do Norte, Brasil, Inglaterra, Tailândia, Senegal e Marrocos; aos meus tios e tias, especialmente, o meu tio Francisco da Silva (Tchico), que muito estimo e admiro.

A todos um eterno obrigado!

**Edson Incopté**

## PREFÁCIO

Setembro Adormecido é um livro de poemas bilingue escrito por Edson Incopté, poeta Guineense da nova geração, contendo 71 poemas (40 em português e 31 em kiriol). Trata-se do segundo livro de poemas da sua autoria, depois de Insana Rebelia publicado em 2012.

No presente livro, o autor com os pés bem assentes no chão, amarra o seu avental e surpreende o leitor com um prato genuinamente caseiro, com cheiro a *Sukul bembé* a aromatizar o caldo, apresentando um estilo *sui generis* de poetar na sua língua materna e na língua oficial, o português.

Edson Incopté revela uma singularidade poética notável, um poeta ambidestro, que consegue com uma perfeição quase inimaginável, escrever em português e em kiriol. Os poemas em kiriol denotam uma maturidade do autor em utilizar o kiriol "fundu" de Cacheu e Bolama, numa perfeita harmonia com o kiriol corrente e falado dos nossos dias, (coisa que não é fácil para um jovem da sua geração). Ao intercalar invariavelmente o poema escrito em Português e em crioulo, Edson usa com mestria todas as roupagens possíveis e imaginárias que outros poetas de renome fizeram noutros tempos.

Assim, e em todos os seus poemas, Edson Incopté, transporta-nos no seu veleiro poético com uma beleza de estilo e de brincar com as palavras e com rimas que lhe é muito peculiar, essencialmente moldado num compasso de acasalamento poético consubstanciado no ritmo alternado de palavras.

Escolhendo o crioulo como língua do seu afazer poético, o autor corporiza no seu trabalho uma singular manifestação de identidade, de compromisso, de dever e de participação cidadã no processo de reconstrução e de desenvolvimento do seu País.

No presente livro, Edson Incopté faz uma longa viagem, cujo ponto de partida é a independência do seu País em 24 de Setembro de 1973. Passando por várias paragens no seu trajecto, o autor recria através de uma estrutura de sentido poético, uma árvore genealógica do percurso histórico do seu País, invocando os valores que a sua Pátria conquistara com orgulho, passando por períodos contrários, em que os desígnios da independência, bem como sua arquitectura, começaram a roer pela base, transformando o seu País num caos, num mundo pequeno e adormecido, e termina fazendo referência ao amor, ao belo, aos valores que a nova cultura identitária aclama. Canta as saudades do seu chão, da sua meninice e a de todas as crianças guineenses, seu amor à terra, perdoando (os malfeitores), assobiando pela esperança e convidando todos os guineenses a reconstruir o País.

Edson Incopté reserva uma parte importante do seu livro à vida na diáspora, sendo ele uma amostra clara do impacto que o desmoronamento dos valores conquistados em Setembro de 1974, teve no âmago dos guineenses, obrigando-os a escolher – não por vontade própria – a emigração, com todas as consequências a ela inerentes. Em todo esse percurso, o autor ironiza, com uma sensibilidade incrível, determinadas situações levando os leitores a se identificarem, a viver e a conviver com o passado, presente e futuro do seu País.

É na esteira de uma vida nova, forjada na luta pela independência, que Edson Incopté começa o seu livro com o poema **Amor Pátrio**, um canto de querença à sua Pátria, "*onde sua alma fez morada*", terminando com uma revelação em forma de comprometimento, "*... és principio, meio e fim da minha jornada*".

O autor aplaudiu de forma poética as vantagens sociais e humanas que a independência trouxera aos guineenses "*Quando Setembro, sorrindo feliz / invadiu a praça de Bissau / A boa-nova circulou por todos os cantos / plantou sonhos e esperanças...*" e conclui essa manifestação de alegria e de querença no seu poema **Invasão de Setembro**, dizendo: "*Aclamado por onde quer que passasse / o sagrado mês instalou-se na praça / Foi-lhe concedida a honra de povoar / sem hesitação, as casas mais belas*".

Esse canto prossegue num diálogo ensurdecador entre o Edson e a sua Pátria Amada, chamando-lhe de Mãe, e compara o amor pátrio com o amor materno..."*Guiné, si n pudi ba n na bambu / ma i pena, nha mame / paki nha kosta ka largu*. No seu poema **Guine N amau**, Edson confessa "...*Ma si n ten serteza nes mundu / Guine i di kuma, N AMAU*".

Também compara o amor Pátrio ao de uma namorada a quem ele está inteiramente ligado e apaixonado, e confessa uma ligação incrível e inexplicável, aliás, como ele bem acentuou: "*uma ligação que ninguém compreende / um erro que vale a pena ser cometido*".

No seu passeio poético, Edson Incopté chega irremediavelmente frustrado à próxima paragem, a paragem na qual assiste com uma rebeldia que lhe é característica, o desmoronamento de todos os valores e ganhos socio-políticos e culturais que a independência conquistara a ferro e fogo, com convicção, sangue, com amor, dedicação e entrega patriótica, exaltados no seu poema **Flores de Setembro** "... *Setembro plantou em minha Pátria / flores que o desesperançar murchou*". A sua Guiné, terra querida, seu povo, sua identidade, sua gente etc, tudo, mas quase tudo, o temporal levará. "... *No na norostia sin distinu / Na kudji sorti tras di sorti / Ku fe na n dule-n dule*" desabafou Edson no seu poema **Povu Speransa**.

O autor assim olha para a sua Guiné-Bissau, como uma terra sofrida como se pode constatar no poema **Quando eu Canto...** "*Quando eu canto / canto o povo e a tristeza / que carrega pela*

*incerteza / nesta Pátria suspensa entretanto / canto a ignorante vida / de uma nação que mendiga / mesmo sendo um abençoado recanto", e procura embrulhar a sua terra natal num manto divino de consolo, assegurando-lhe que, apesar de tudo, está em boas mãos, nas mãos dele e de todos os Guineenses, "...Guiné n amau" "...dita n bisiau, / n bata banau kalur..."*

O Edson aponta o dedo em riste à terrível malversação do processo histórico conduzido por homens e mulheres que ontem eram vistos como espelhos da nova sociedade, mas que, entretanto, colapsaram vis-à-vis aos novos desafios de reedificação e de luta pelo progresso e desenvolvimento do País *"... Kilis ku bin kai na prasa / pisadus ku se kulpa / na um luta sin indimigu / bu ka dibi elis nada"*.

Entretanto, e apesar dessas vicissitudes e surpresas que às vezes a história nos reserva, Edson Incopté escolhe guardar no seu íntimo o lado bom da sua querida Guiné... *"guardo em meu peito, sonhos de outrora"* e no poema **Porque Esperas** tenta reabilitar os ânimos e convida o País a se erguer-se com a cara bem levantada *"... Guiné lanta bu ialsa rosttu / finka pe ku fiansa..."*.

Imbuído de uma nova esperança de ver a sua Guiné ressuscitada, o autor entre júbilo e esperança, levanta-se para perdoar *"os que fazem da Pátria uma esperança amordaçada..."* e com um alto sentido de comprometimento patriótico e individual, Edson levanta as mãos e empunha a lança da esperança... *"as nossas esperanças vão e vêm como ondas de Geba"* e lança na arena a sua energia positiva com o poema **Eu Acredito** *"...na ressurreição...na revolução...na vontade...na Guiné Bissau"*, conclui.

Em todo esse processo de acreditar, Edson Incopté faz referência ao homem como ser substituível, enquanto o povo não o é *"mesmo que deixasse de crer / a chuva cairia na mesma / então muito além de mim o povo crerá / e me trará a esperança nos seus olhos"*.

Edson Incopté num ritual de cidadania acompanhado das flores da nossa luta (as crianças) e da nova geração, presta um

juramento diante da sua Pátria ferida "Juro, por minha honra / acabar com esta desonra / tirar a Guiné-Bissau desta lamúria". Reconhece, entretanto, que o País precisa de armar-se para uma nova batalha de reconstrução nacional e de reformatação de identidade(s), conforme se pode ler no poema **O meu País precisa de armas** "... O meu País precisa de armas / que inspire compromisso e justiça / por um novo e lúcido olhar / por um novo e sólido matrimónio..." e termina de forma incisiva com a seguinte frase: "O meu país precisa de Educação! ". É no acreditar que o autor procura a força, a fibra e esta poção mágica simbolizada na palavra EDUCAÇÃO, como caminho que os Guineenses devem trilhar para se conseguir tirar a Guiné, seu País, do estado de letargia em que se encontra.

Em busca de uma nova verdade, "ku disna i kamba moransa", a verdade da reconstrução histórica e da enxertia social, por forma a criar um verdadeiro homem novo, Edson Incopté lança um convite de participação na nova caminhada e, num badalar de sinos, chama todos para engrossarem as fileiras, arregaçar as mangas e remar para a "cambança" porque "a esperança, só por si não chega..." por isso é necessário união, cerrar as fileiras e vestir o fato de guerreiro porque a felicidade e o bem-estar nos espera na próxima paragem, conforme se pode ler no seu poema **No meu país a esperança não acorda**: "...como se apenas isso bastasse para que vivêssemos / convenientemente felizes no país do amanhã" e remata no poema **Povu Speransa...** "Nin si te na dia di San Nunka / Ampus... no firkidja na firma".

Aproveita também para mandar um recado aos mais cépticos no seu poema **Vim em Mandado**, "vim deixar o recado/ para que o façam chegar aos mais resignados / é imperioso ser ousado / é urgente combater o desalento instalado...".

Edson conhece muito bem as vicissitudes da diáspora, pois viveu e sentiu na pele, os efeitos perversos do choque de valores, de identidade e de cultura, a que a vida de um guineense na diáspora está exposta. O paternalismo e a estigmatização devido à cor da pele, entre outros fenómenos, levou o Edson a

desmascarar tudo através dos seus poemas "**Migranti**", "**N tchomau Guine bu lundju**", "**Tiu ku sobrinhu**" e "**Sabura de Bissau**" e desabafa de seguinte modo..."*tudu paki no tchomadu fusiblanhas*".

Ao vestir os seus poemas de verde, verde cor da esperança, Edson Incopté acredita que a Guiné-Bissau, sua terra natal, será num futuro breve um paraíso, onde todos os guineenses se concentrarão à volta do mesmo *bantabá* para, depois da *kansera*, provarem o *mankurkur* e o sabor a mel que o tchon da Guiné cobiçadamente guardou para o seu *bambaram*.

Estamos assim perante uma obra literária de valor inestimável, um livro de poemas que perfila entre as melhores obras literárias publicadas pela nova geração de poetas Guineenses, um presente para todos os que se prezem pela nova cultura identitária e pelo bem-estar do País.

**Nelson Carlos de Medina**

## POSFÁCIO

Estou ciente de ser suspeito pelas linhas que partilharei com os leitores sobre mais uma extraordinária obra literária do meu Camarada, Amigo e Irmão mais novo, Edson Incopté, desta feita, Setembro Adormecido.

Estamos perante um autêntico cântico poético cuja melodia nos faz vibrar, embalar, festejar, mas também, reflectir, meditar, porquanto haver sons e melodias para todos os encantos e desencantos do nosso ser guineense, neste palco que é o Setembro Adormecido.

O meu testemunho relativamente a esta majestosa ponte literária que nos transporta à Guiné-Bissau, do Setembro Vitorioso de há quarenta e um anos, ao Setembro Adormecido do jovem Edson Incopté, que não vivenciou presencialmente o nascimento da Nação forjada na luta, a Guiné-Bissau, pese embora os encontros e os desencontros entre irmãos guineenses, não se situa obviamente no conteúdo da obra em si, tarefa que cabe ao prefaciador, mas sim, no seu autor, uma figura que se me tornou intimamente familiar, desde quando, em Janeiro de 2008 começou a escrever para o nosso Projecto Guiné-Bissau CONTRIBUTO.

Edson Incopté nasceu com o dom de servir, mas ciente de que só o dom não seria suficiente para cumprir com a Missão que lhe foi e está reservada, entregou-se desde cedo às mais variadas Missões Comunitárias no intuito de aprender a servir e é o que tem feito até agora, com sucesso; um sucesso sustentado pela humildade e pelo respeito numa abrangência generalizada destes dois valores cada vez mais raros entre jovens como ele.

Diria que Edson Incopté tem uma luz que o tem guiado, pela qual se tem orientado com personalidade e responsabilidade, fazendo dele, simplesmente, um Jovem Diferente dos diferentes!

Não poderia deixar de partilhar convosco, caros leitores, dois excertos de referência, do fértil e coerente pensamento de Edson Incopté, para vos elucidar melhor sobre o Jovem e a sua Obra, num dos seus textos de 2008 tendo em conta a actualidade dos temas de Setembro Adormecido vincados, explícita ou implicitamente em quase todos os poemas que dele fazem parte, através da expressão emotiva característica do sentir e do agir, que poema após poema, vamos encontrando aqui e acolá.

Esperança/Speransa é o fundamento de Setembro Adormecido. Em português ou em crioulo, Edson Incopté reúne sonhos, desejos, sentimentos e projectos reais demonstrativos do seu Compromisso para com a Mãe Guiné, que partilha de forma simples, mas marcante, com toda e qualquer geração de guineenses, independentemente da localização geográfica onde se encontram.

"Temos de começar a acreditar firmemente na esperança. Mas não com isso fazer o que temos feito até aqui, que é esperar pela esperança. Pois parece que todos acreditamos, todos dizemos que a nossa terra um dia vai mudar. Mas quando?"

"Meus irmãos e minhas irmãs, vamos pôr uma coisa na cabeça de uma vez por todas. A salvação somos nós, a mudança, nós é que a fazemos e a esperança, meus irmãos, a esperança, essa já esta em nós. Não temos mais de esperar por ela! Temos é de a tirar cá para fora." Edson Incopté 26.01.2008 In **DE ONDE VEM A MUDANÇA?**<sup>1</sup>

Sou suspeito, como escrevi no início, na abordagem sobre o meu Camarada, Amigo e Irmão mais novo Edson Incopté, mas do seu percurso evolutivo nestas andanças pelos terrenos da literatura, não resisto a recorrer ao passado de quarenta e um anos da proclamação da nossa independência, que se registará a 24 de Setembro próximo, de um Setembro Adormecido a fazer jus ao título da obra, para recuperar a Chama Patriótica sustentada pela cultura, pela dinâmica literária, de forma interventiva, de centenas de jovens promessas guineenses, do pós-independência, que entretanto, se perderam à espera da Esperança/Speransa... por não interiorizarem que a Esperança/Speransa estava neles, ou

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.didinho.org/DEONDEVEMAMUDANCA.htm>

seja, por terem acreditado que alguém faria chegar a Esperança/Speransa Guineense até eles, quiçá, a todos os guineenses.

Edson Incopté, faz-nos reviver, com encantos e desencantos, os primórdios da nossa independência nacional ao ponto de, facilmente, podermos encontrar e reconhecer, com emotividade, através dos seus poemas, facetas e estilos de uma infinidade de ilustres e consagrados poetas guineenses, da tal Geração Esperança/Speransa, que encontramos retratados, sem rostos, em Setembro Adormecido.

O Edson Incopté que conheço e respeito como distinto intelectual guineense tem tudo para vir a ser um dos maiores autores literários guineenses. Porém, não vejo que seja esse o objectivo ou a meta do meu Camarada. A sua Missão neste nosso Mundo, como tão despreocupadamente nos tem demonstrado até aqui, é no sentido de continuar a servir as Comunidades Humanas, guineenses e todas as demais que necessitarem, sempre que necessitarem, do seu servir.

A Deus agradeço a Graça concedida, na pessoa de Edson Incopté, que me faz acreditar na Esperança/Speransa renovada de um Setembro Desperto, a breve prazo, para a Guiné-Bissau e para todos os guineenses.

Parabéns, meu Camarada. Posso tombar descansado, quando tombar, que a continuidade, essa está assegurada desde que nos conhecemos e nos tornámos cúmplices da causa comum, a nossa Guiné-Bissau, o nosso povo; o nosso Mundo, e as pessoas em geral...

**Fernando Casimiro (Didinho)**

Edson Wiljai Semedo Incopté nasceu em Bissau, Guiné-Bissau, a 07 de Março de 1987. Iniciou os seus estudos em Bissau e posteriormente completou-os em Lisboa, onde se licenciou em Estudos Africanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, após frequentar a Escola Secundária de Pedro Alexandrino, em Odivelas.

A par dos estudos, Incopté, tem-se desdobrado igualmente no mundo do associativismo: foi membro da extinta Associação de Jovens para Acção e Cidadania pela Guiné-Bissau; integrou a Direcção da Associação de Estudantes da Guiné-Bissau em Lisboa; é membro do Fórum de Católicos Guineenses em Portugal; colaborador do Projecto Guiné-Bissau Contributo, membro do movimento literário de jovens guineenses, Djorson Nobu, e da Associação de Escritores da Guiné-Bissau.

Incopté publicou em 2012 o seu primeiro livro de poesia, intitulado *Insana Rebeldia*. Coordenou no ano seguinte, juntamente com o amigo e poeta, André Mendes, uma antologia poética para a paz na Guiné-Bissau, denominada *Recados de Paz*; coordenação que encarou como uma verdadeira incumbência patriótica.

A escrita é, duma forma geral, uma das paixões de Incopté, mas é na poesia que ele diz encontrar a melhor forma de exorcizar os seus medos, anseios e/ou meras preocupações. Aliás, segundo o próprio «a poesia é a dimensão sagrada da escrita».

# EDSON INCOPTÉ

SETEMBRO ADORMECIDO



Entre a poesia e a esperança, percorre um longo e sinuoso rio que vai emprenhando com a sua plenitude a margem de ambos os sentires. Um rio que comunga, entre tantas coisas, o sagrado e o livre.



[www.euedito.com](http://www.euedito.com)  
[geral@euedito.com](mailto:geral@euedito.com)

